

## ATUAÇÃO DOCENTE EM CONTEXTO DE LUTO INFANTIL: INTERSEÇÕES ENTRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA E O ACOLHIMENTO AFETIVO

Paula Cavalcante Trindade Vieira<sup>1</sup>

Luciana Rios da Silva<sup>2</sup>

Selma Barros Daltro de Castro<sup>3</sup>

### RESUMO

As práticas pedagógicas e os saberes do professor devem ocorrer de forma consubstanciada. Tal saber advém dos estudos, das disciplinas, do currículo e das suas experiências. As práticas por sua vez, não devem estar atreladas a uma postura totalmente técnica, mas a ações humanizadoras que contemplem o indivíduo na sua totalidade, de acordo com as necessidades dos educandos. Cabe, portanto o preparo docente para lidar com a heterogeneidade presente na sala de aula, como em situações de morte e luto vivenciado por crianças. É sobre essa temática, o luto infantil em crianças no contexto escolar, que o presente trabalho é consolidado, apresentando assim a seguinte questão norteadora: quais práticas educativas são desenvolvidas por docentes para promover a integração de crianças enlutadas no contexto da sala de aula da educação infantil? O principal objetivo desse trabalho é analisar as práticas pedagógicas que são desenvolvidas pelos docentes para integração e desenvolvimento de crianças enlutadas no contexto da educação infantil. A coleta de dados foi feita através de um questionário aberto sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas docentes com crianças em situação de luto. Todas as colaboradoras possuem formação em licenciatura em pedagogia e atuam há mais de uma década na rede de ensino do município de Feira de Santana – Ba. Vinculado á análise dos dados, nos baseamos em fundamentação de estudiosos como Ariès (1978), Kovács (1972), Paiva (2011), Franco e Mazorra (2007) entre outros. O estudo resultou no reconhecimento por parte das professoras colaboradoras em considerarem relevante a reflexão e conhecimento sobre o luto infantil no contexto escolar.

**Palavras-chaves:** Escola; Práticas docentes; Luto infantil.

### ABSTRACT

Pedagogical practices and teacher knowledge must take place in a consubstantial way. Such knowledge comes from studies, disciplines, curriculum and their experiences. The practices, in turn, should not be linked to a totally technical posture, but to humanizing actions that contemplate the individual as a whole, according to the needs of the students. Therefore, it is necessary to prepare teachers to deal with the heterogeneity present in the classroom, such as in situations of death and mourning experienced by children. It is on this theme, child mourning in children in the school context, that this work is consolidated, thus presenting the following guiding question: which educational practices are developed by teachers to promote the integration of bereaved children in the context of the education classroom childish? The main objective of this work is to analyze the pedagogical practices that are developed by teachers for the integration and development of bereaved children in the context of early childhood education. Data collection was carried out through an open questionnaire on the pedagogical

---

<sup>1</sup> Faculdade Anísio Teixeira (FAT). E-mail: [paulavieiracavalcante@hotmail.com](mailto:paulavieiracavalcante@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Católica do Salvador (UCSal) e Faculdade Anísio Teixeira (FAT). E-mail: [luciana-uefs@hotmail.com](mailto:luciana-uefs@hotmail.com)

<sup>3</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Faculdade Anísio Teixeira (FAT).E-mail: [selmadaltro@gmail.com](mailto:selmadaltro@gmail.com)

practices developed by teachers with children in mourning. All employees have a degree in pedagogy and have been working for more than a decade in the public education system in the city of Feira de Santana – Ba. Linked to data analysis, we based on reasoning of scholars such as Ariès (1978), Kovács (1972), Paiva (2011), Franco and Mazorra (2007) among others. The study resulted in the recognition by the collaborating teachers in considering the reflection and knowledge about childhood grief in the school context as relevant.

**Keywords:** School; Teaching practices; Children's grief.

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade em que vivemos passa por constantes transformações, e a educação precisa contemplar tais vivências, não se furtando em compreender os conhecimentos básicos que fazem parte da existência humana. Através do relatório significativo coordenado por Jacques Delors para a Unesco, Educação – um tesouro a Descobrir (1996) reiteramos a grande relevância dos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. Cabe à escola a função de sistematizar diferentes aprendizagens, como as que foram citadas, que são relacionados a múltiplos sujeitos que fazem parte deste *locus*, visando o desenvolvimento integral dos educandos.

É mister considerar a relevância e o papel significativo dos primeiros anos de vida para o desenvolvimento integrado das potencialidades psíquicas de uma pessoa, e sabedores que na sociedade contemporânea as crianças adentram o espaço educacional formal cada vez mais cedo, a escola se tornou um local que além de pensar sobre o desenvolvimento intelectual da criança e o seu desempenho dentro da sociedade, precisa efetivamente se interessar pelo seu desenvolvimento como um todo: potencialidades, limites, emoções, vivências. Considerando esses aspectos, a escola deve preparar-se para o desafio que é tratar de temas como violência, racismo, separações conjugais, bullying, morte e luto.

Na escola, assim como na família e na sociedade, de maneira geral, os temas “morte” e “luto” ainda são tabus. E se torna mais difícil quando se trata de abordá-lo dentro de um contexto de educação infantil, dado o despreparo da escola e de boa parte dos educadores. Enfrentar situações de morte e perda na infância não é algo simples, no entanto, não se pode agir como se tais experiências fossem excluídas da infância quando uma criança vivencia a perda de um ente querido.

Segundo Kovács (2010) há poucos textos que relacionam o tema da morte a educadores. Alguns deles, por exemplo, apontam para a falta de discussão na escola sobre a questão da morte. Considerando a grande relevância da escola na vida das crianças, tendo em vista que é

neste ambiente que os educandos passam a grande parte do seu tempo sob cuidados de educadores que exercem influências significativas em suas vidas, é que pretendemos identificar: quais práticas educativas são desenvolvidas por docentes para promover a integração de crianças enlutadas no contexto da sala de aula da educação infantil?

Cabe lembrar, que tais influências exercidas por parte dos docentes não referem-se apenas ao aspecto cognitivo, mas a diversos aspectos do seu desenvolvimento. Pensando nesse contexto é que este trabalho tem por objetivo analisar as práticas pedagógicas que são desenvolvidas pelos docentes para integração e desenvolvimento de crianças enlutadas no contexto da educação infantil; contribuir e ampliar as discussões em torno do luto infantil na escola, tal como compreender o conceito de luto na infância e a forma como este pode ser vivenciado no contexto infantil.

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido com três professoras que atuam no grupo 05 da educação infantil em uma escola da rede de ensino do município de Feira de Santana. Todas com formação em Licenciatura em Pedagogia e atuando há mais de dez anos em sala de aula. A escolha pela abordagem qualitativa se valida tendo em vista que o *locus* da pesquisa foi o ambiente escolar onde as colaboradoras atuam, ou seja, o estudo versou sobre uma realidade que faz parte do cotidiano dinâmico e complexo das pesquisadas, a partir do qual confrontou-se os dados coletados, as evidências e o conhecimento teórico acumulado a respeito do objeto da pesquisa em questão (LUDKE e ANDRÉ, 2005; MINAYO, 2008)

A princípio o estudo se propôs a realizar entrevistas com as docentes, mas em virtude da incompatibilidade de tempo de uma e resistência de outras duas para a gravação de suas falas, a entrevista foi convertida em um questionário aberto sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas docentes com crianças em situação de luto. É interessante salientar que, atendendo as normas éticas concernentes à realização de pesquisas científicas, o estudo preserva o local de trabalho e a identidade das colaboradoras, atribuindo-lhes nomes fictícios de pedras preciosas.

Sobre os itens abordados no questionário, destaca-se; o olhar docente frente á possíveis mudanças no processo de aprendizagem, o conhecimento de cada uma das colaboradoras sobre o luto na infância, se o conhecimento sobre o luto infantil foi adquirido no período da graduação, ou se elas sentiram a necessidade de ir em busca deste conhecimento devido as necessidades ocasionais, sobre quais práticas são adotadas por elas no intuito de promover a aprendizagem das crianças, e saber se elas consideram importante a discussão e conhecimento sobre o luto infantil por parte dos docentes.

A análise dos dados realizada a partir das falas das colaboradoras, teve como fonte de base teórica registros das produções de autores como Ariès (1978), Kovács (1972), Paiva (2011), Franco e Mazorra (2007) entre outros. A análise fez o esforço de compreender a realidade e as práticas das docentes colaboradoras, no intuito de estimular que outras produções debruçem o olhar sobre a investigação do luto infantil no contexto escolar.

## **2 REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTE FRENTE ÀS CRIANÇAS ENLUTADAS**

O direcionamento do trabalho com crianças da educação infantil requer que o professor na sua prática docente possua competências e habilidades ajustáveis, norteadas às necessidades dos educandos em diferentes contextos. A declaração de Salamanca (1994) defende a efetivação de uma pedagogia voltada para a diversidade, com intuito de beneficiar os educandos em todos os aspectos. No documento ainda inclui:

A educação assume as funções: social, cultural e política, garantindo dessa forma, além das necessidades básicas (afetivas, físicas e cognitivas) essenciais ao processo de desenvolvimento e aprendizagem, a construção do conhecimento de forma significativa, por meio das interações que se estabelece com o meio. (BRASIL, 2001, p.12)

Dessa forma, é importante inferir que para exercer uma prática docente dinâmica, transformadora, consciente e comprometida com as necessidades básicas dos educandos, demanda dedicação, preparo e atenção por parte do profissional de educação. Logo, os saberes docentes são imprescindíveis para o professor, assim como a formação continuada pautada na pesquisa e reflexão de forma crítica é antes de tudo, a forma de avaliar seu próprio trabalho.

Ao refletir acerca dos saberes docentes, nota-se a necessidade de abranger tais conhecimentos não apenas para compreensão do que é imposto pelo currículo, mas, para as individualidades de cada sujeito, que se dá por meio de uma prática humanizadora, que além de atender as necessidades dos mesmos, crie condições para o seu desenvolvimento intelectual, social e emocional. Diante do exposto, o Art. 29 da LDB nº 9.394/96, afirma que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 2006, p. 41)

Essa afirmativa nos faz pensar acerca da atuação do educador e das suas práticas docentes, que devem perpassar por todos os aspectos citados, considerando seu papel na inserção social e desenvolvimento de cada aluno. Nota-se o desafio que é imposto ao professor, que além de contribuir para o conhecimento cognitivo, tenha um olhar sensível à cada criança diante da heterogeneidade da sala de aula, por ser ele o mediador do conhecimento e principal responsável por favorecer um ambiente prazeroso, rico e saudável onde os mesmos sintam-se seguros.

O conteúdo do documento exposto pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), remete à escola a função de complementar a ação que são impostas à família e à comunidade. Vale ressaltar que neste laboratório social que é a sala de aula, o professor pode deparar-se com crianças que vivenciam diversas situações, desde a situação de abandono, a situação de perda ou morte de um ou mais genitor.

Neste sentido, serão necessárias muito mais que arcabouços pedagógicos. O docente precisará de estratégias explícitas, para lidar com as adversidades, como em situações de morte e luto. Tais reflexões foram reforçadas pela fala das colaboradas, tendo em vista que cada uma delas atende na sua turma uma aluna que vivencia situação de luto por parte da sua genitora. Quando questionadas se consideram importante a discussão e conhecimento desta abordagem por parte dos docentes, elas responderam:

*Com certeza, é importante este conhecimento para nos ajudar a conduzir o momento da melhor forma possível e alcançarmos o objetivo que é o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. (Rubi, 2018)*

*Concordo. É um assunto que deve ser discutido, por fazer parte do cotidiano de todos nós, podendo chegar na sala de aula em qualquer momento e nos encontrar despreparados e carentes de formação. (Turquesa, 2018)*

*Acho fundamental a discussão, porque vai ajudar ao professor, a saber, como lidar, como ajudar a criança num momento tão difícil da vida dela. (Jade, 2018)*

Diante dos relatos, percebemos a relevância que o conhecimento sobre essa abordagem representa para os professores, posto que o luto é um momento doloroso na vida de qualquer pessoa, desde a sua tenra idade, o que pode justificar a fragilidade da maior parte dos indivíduos frente a uma perda, haja vista sua inconformidade diante de um acontecimento irreversível. Kovács (2010) sinaliza o despreparo do professor para lidar com tais questões:

Num mapeamento da literatura envolvendo o tema da morte nas escolas, em livros, teses e artigos em periódicos sobre a questão morte, verificamos que há poucos textos que abordam em relação a educadores. Os poucos artigos que acessamos apontam para a falta de discussão sobre a questão da morte na escola. (KOVÁCS, 2010, p. 02)

Confirmando a importância de práticas educacionais do docente que ratifiquem não apenas a oferta de conteúdos informativos, mas que promovam o desenvolvimento integral de cada educando através de uma relação ética, por meio do acolhimento, escuta atenciosa, cordialidade e alteridade, torna-se fundamental o preparo do professor ao lidar com crianças enlutadas num contexto escolar. Nessa perspectiva, Kovács (2012, p. 76), sugere:

A formação do educador precisa ser repensada para incluir a questão da morte, luto, comportamentos autodestrutivos e formas de acolhimentos de criança e adolescentes vivendo estas experiências. O educador com atitude empática pode ser mediador de conversas entre adolescentes, tornando a morte familiar. Quando se fala em preparo para lidar com a morte, não se propõe receitas, ou respostas gerais. Trata-se de questionamento, autoconhecimento, sensibilização e abertura pessoal.

Portanto, a preparação do educador ao lidar com crianças enlutadas deve ser pensada tanto no sentido de criar para essas crianças oportunidades de verbalização de angústias e situações traumáticas quanto na possibilidade de oportunizar práticas educacionais, que incluam essas crianças, juntamente com suas vivências no ambiente escolar, pois é neste local de socialização que as mesmas passam grande parte do seu tempo.

Ao serem questionadas acerca de seus conhecimentos sobre o luto infantil e suas reverberações, e se tal conhecimento foi adquirido na graduação, ou em outro momento de formação, as professoras colaboradoras refutam suas articulações mediante as necessidades ocasionais no âmbito escolar:

*O conhecimento que tenho sobre luto na infância não adquiri na graduação. Busco estratégias e leituras, diante do comportamento apresentado pela criança. (Rubi, 2018)*

*Não foi adquirido na graduação. Busquei leituras diante das necessidades ocasionais. (Turquesa, 2018)*

*Na graduação não vi nada sobre o luto infantil. Fui em busca de conhecimento mediante a necessidade. (Jade, 2018)*

Perante o exposto, Bernz (2012) aponta para escassez de estudos sobre o luto infantil no meio acadêmico, sendo pouco difundido, mas de uma importância indescritível. Paradoxalmente, lidamos com essa temática tanto como pessoa quanto profissional. Kovács (2003) salienta sobre a importância do conhecimento no processo do luto por parte dos

educadores, considerando que o mesmo pode interferir no rendimento escolar, na aprendizagem e na concentração dos educandos.

Considerando que, o âmbito escolar é o espaço em que a criança passa grande parte do seu dia e que este é bastante diverso, os professores e equipe pedagógica devem estar preparados para auxiliar e amparar esses sujeitos, ponderando a singularidade de cada criança e a forma com que cada uma expressa as suas emoções. Faz-se necessário a reflexão dos educadores sobre quais práticas educativas podem ser desenvolvidas para promover a integração de crianças enlutadas no contexto da sala de aula da educação infantil de modo que as mediações ocorram de forma significativa e salutar.

Vale lembrar que, para pensar no sentimento da criança e nesta fase da vida, tal como a implementação de políticas que visem o reconhecimento e amparo da mesma no meio social, Philippe Ariès (1978) apresenta através da sua pesquisa iconográfica grande contribuição para que nos dias atuais as crianças tivessem seus direitos resguardados, uma vez que a criança era excluída tanto no âmbito familiar quanto em contextos sociais e econômicos.

Por volta do século XII, com base na iconografia apresentada por Ariès, não havia espaço para a criança neste mundo. Segundo este historiador francês, para os homens do século X-XI a infância era uma fase de transição, brevemente ultrapassada, e cujas recordações também eram logo esquecidas. Só por volta do século XIII, é que surgem crianças que se aproximam do sentimento moderno (ARIÈS, 1978).

Diante de tais corroborações, tornou-se evidente que a criança era tida como ferramenta de domínio ideológico dos adultos. Logo, ao apresentar certa autonomia, fisicamente falando, ela adentrava no mundo dos adultos. Os estágios da infância propostos pela sociedade contemporânea não eram vivenciados pelas crianças. Durante a idade média, a família não se preocupava com a socialização da criança, e a educação da mesma era assegurada pelo conhecimento transmitido pelo adulto.

Vale salientar, que a ausência do sentimento da infância presente na sociedade medieval, conforme Ariès, (1978) não se refere a nenhum tipo de negligência, desprezo, nem muito menos abandono. O sentimento da infância descrito por ele, não está intimamente relacionado com afetividade pela criança; diz respeito à compreensão da singularidade infantil. Tal particularidade não tinha relevância, a invisibilidade era presente neste contexto.

Toda essa gama que envolve a preocupação pedagógica e moral, atrelada ao sentimento da infância presente na contemporaneidade, foi historicamente construída com o intuito de a sociedade passar a valorizá-la. Foi durante o século XIX, com o advento da revolução industrial

em que os pais precisariam trabalhar, e sem ter com quem deixar seus filhos, surgem às entidades privadas, com caráter assistencialista e filantrópico, e logo depois a responsabilidade de educar essas crianças passa a ser do poder público.

Muito embora Ariès não descreva a situação de abandono e exploração da mão-de-obra infantil também presente neste período, devido à ausência de fiscalização das autoridades, vale lembrar, que estes fatores influenciaram na formulação e implementação de leis que garantissem a proteção e os direitos da criança por parte das políticas sociais.

As observações feitas a partir da obra de Philippe Ariès (1978) trouxeram grande contribuição, pois foi possível entender que as leis existentes na contemporaneidade surgem das necessidades excludentes que as crianças vivenciaram no passado, ficando à mercê da própria sorte. Atualmente, crianças e adolescentes ocupam seu espaço garantido na sociedade.

Diante disso, foi concebido o estatuto da criança e do adolescente - ECA. Este documento determina que sejam efetivadas diretrizes no âmbito das políticas públicas, em que toda criança e adolescente sem exceção de raça, língua, cor, ou condições sociais, sejam amparadas e tenham seus direitos garantidos. Nesta perspectiva de visibilidade da criança como sujeitos de direitos, no documento acima citado, impõe no capítulo II, das Medidas Específicas de Proteção:

ART. 100. Na aplicação das medidas levar-se-ão em conta as necessidades pedagógicas, preferindo-se aquelas que visem ao fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. Parágrafo único. São também princípios que regem a aplicação das medidas: (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009). I – condição da criança e do adolescente como sujeitos de direitos: crianças e adolescentes são os titulares dos direitos previstos nesta e em outras Leis, bem como na Constituição Federal; (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009).

O documento supracitado evidencia a utilização de critérios pedagógicos que contemplem a necessidade de cada indivíduo. Reconhecemos que na prática essa não é uma tarefa fácil, mas imprescindível e de vital importância. Ante o exposto, cada professora colaboradora declarou ter uma aluna vivenciando o processo de luto em sala de aula, e ao serem questionadas sobre a percepção delas em evidenciar alguma mudança no processo de aprendizagem, elas responderam:

*Em alguns momentos, percebo uma postura distante (como se estivesse aérea), vem demonstrando necessidades de investimentos na aprendizagem. Sempre que iniciamos uma roda temática ou de conversa, ela pede para beber água, ir ao banheiro. Muito dispersa, perde o foco do que estamos discutindo. Há também momentos de euforia, agitação, bem como participação com contribuições, mas estes não são constantes. Vale ressaltar que a entrada*



*dessa criança em nossa escola coincide com o mês em que sua mãe faleceu. (Rubi, 2018)*

Em contribuição a fala de uma das professoras colaboradoras, Kovács 2010 e Sotelo 2007, fala sobre a importância dos professores permanecerem atentos a possíveis mudanças de comportamento por parte dessas crianças enlutadas, como: distanciamento dos colegas, dificuldade de aprendizagem, distúrbios alimentares, déficit de atenção, excessiva apatia, agressividade, angústia, medo, entre outros.

*Não percebo mudanças no processo de aprendizagem. É uma criança muito bem assistida pelos familiares. (Turquesa, 2018)*

*Até o momento não percebi nenhuma diferença em relação à aprendizagem. (Jade, 2018)*

Ao analisar as falas das professoras colaboradoras, percebemos a importância da postura docente frente à criança enlutada, no que diz respeito tanto às suas observações, como ao fato de conhecê-la de forma precisa. Somente com um olhar voltado para o coletivo e ao mesmo tempo fixado nas individualidades dos alunos e nas suas necessidades é que será possível refletir sobre suas práticas pedagógicas no intuito de ressignificá-las e ou transformá-las.

As reações da criança à perda e separação vão depender de vários fatores: a relação que a mesma tinha com a pessoa que morreu; a causa e as circunstâncias da situação de perda (repentina ou não, violenta); o que é contado para a criança e as oportunidades que são oferecidas a ela para falar e perguntar; relações familiares após a perda (mudança de padrão de relacionamento e permanência com pai/mãe sobrevivente); padrões de relacionamento da família anteriores à perda. (BROMBERG, 1997, 1998a, 1998b, *apud* PAIVA, 2011, p.31)

Diante do referido, e remetendo as falas das professoras colaboradoras, percebe-se que cada criança vivencia o processo do luto e suas angústias de forma diferente. Neste sentido, salientamos a relevante função do professor em acolher esta criança que vivencia experiência de morte. Sendo o professor aquele que dá seguimento ao convívio que a criança mantém com seus pais, sendo por vezes uma convivência até mais prolongada do que a que elas têm com sua família.

Ao enfatizar a importância do professor acolhedor, não cabe apenas o ato de receber bem seu aluno, beijá-lo e abraçá-lo. A afetividade faz parte da docência, fazer com que a criança sinta-se segura para verbalizar suas inquietudes e tristezas também. Refletir acerca de tais funções que cabem ao professor é pensar em um empenho específico na perspectiva de conhecer o seu aluno e sua singularidade no intuito de responsabilizar-se com o ensino-aprendizagem.

Á vista disso, questionamos as professoras colaboradoras sobre quais práticas são adotadas por elas no intuito de garantir a aprendizagem dessas crianças e elas destacaram que:

*Proporciono situações em que possa participar, expondo seu ponto de vista, trazendo colocações. Proponho atividades que possam desenvolver seu raciocínio lógico, concentração, escrita e leitura. Estas atividades são realizadas de forma lúdica, através de estratégias diferenciadas, encorajando-a no seu desenvolvimento. Vale ressaltar que essas estratégias diferenciadas são pensadas para todas as crianças que apresentam necessidade de investimentos, estando elas em luto ou não. (Rubi, 2018)*

*Sempre permito que essa criança expresse seus sentimentos, dando a ela a oportunidade de expressar e falar o que sente. Aqui na escola houve uma situação em que morreu um bichinho de estimação, fizemos o enterro dele, e foi interessante, pois as crianças vivenciaram o processo da perda de forma concreta. Com isso pudemos refletir que apesar da morte ser uma situação destinada a todo ser vivo, não precisamos viver descontentes pra sempre, podemos encontrar outros motivos que nos faça sorrir, ao invés de vivermos tristes eternamente. (Turquesa, 2018)*

Associando a fala de uma das professoras colaboradoras, quando afirma que cede espaço em seu planejamento para a criança externar suas emoções, reconhecendo a importância desta ação, Baseggio e Mello afirmam:

*A melhor forma de falar sobre o tema morte com as crianças é através de uma comunicação aberta, discutindo ideias de maneira sincera, estando disposto a responder questionamentos e, principalmente, não evitando este tema, pois, deve-se abrir espaço para a discussão sobre a morte na família e na escola. (BASEGGIO e MELLO, 2003, p.24)*

Bernz (2012) chama atenção para os impasses que as pessoas encontram ao falar de morte para a criança, acreditando que tais experiências não fazem parte dessa fase da vida. Dessa forma, pessoas que são exemplos para elas, como parentes e educadores, contribuem, mesmo que de forma não proposital, mas, acabam contribuindo para o sentimento de insegurança e incertezas para com as crianças. As pessoas acreditam que ao se omitir o assunto sobre a morte com as crianças, é uma forma de diminuir o sofrimento delas.

Bernz (2012) e Sotelo (2007), ainda afirmam que cada pessoa vivencia o processo da morte de forma diferente, peculiar, conforme suas características sociais, culturais, dependendo do envolvimento e relação afetiva que o mesmo tinha com a pessoa que morreu. Frente ao exposto e de acordo com o que foi questionado sobre sua prática pedagógica no intuito de garantir o aprendizado da criança enlutada, uma das professoras colaboradoras expõe:

*A criança acompanha de maneira tranquila os desafios propostos para a série, não necessitando de intervenções pedagógicas diferenciadas, no que diz respeito ao cognitivo. (Jade, 2018)*

Sotelo (2007) fala sobre a importância de a criança ter alguém que confie para apoiá-la emocionalmente, posto que a mesma não disponibiliza de capacidade cognitiva e emocional que a prepare para verbalizar espontaneamente suas próprias experiências. Ela acredita que a criança vivencia o processo de luto tal como a pessoa adulta, pois “O processo de luto não é mais rápido na criança do que em um adulto. A criança sofre como qualquer outra pessoa. O que acontece é que muitas vezes isso não fica tão claro para o adulto”. (SOTELO, 2007, p.30)

Assim, faz-se necessário que o professor compreenda o conceito de luto, dessa forma ele poderá relacionar suas práticas e desempenhar um papel significativo frente à criança enlutada. Sotelo (2007) acredita que cada pessoa desde muito cedo, estabelece por meio das suas vivências sociais e familiares, e até por parte de suas próprias experiências a sua concepção e conceito do que seja morte.

Quando se enfatiza a importância da compreensão do conceito de luto infantil por parte dos professores, pensa-se nisso, não em uma perspectiva psicanalista. Vale ressaltar que o intuito não é este, pois pontua-se aqui a compreensão do conceito de luto em uma perspectiva educativa, é sobre esses questionamentos e reflexões que o artigo se ancora, com intuito de conhecer a realidade dos educandos e assegurar seu desenvolvimento de forma integral e a garantir sua aprendizagem, conforme afirma Paiva:

Portanto, o professor deve estar atento às necessidades cognitivas e intelectivas da criança, bem como suas necessidades pessoais, emocionais e psíquicas. Assim, o educador acaba como um modelo para o processo de identificação da criança e, por isso, tem a tarefa de cuidar da integridade física, emocional e social dessa criança, visto que a escola não se restringe à transmissão de conhecimentos. (PAIVA, 2011, p. 36)

Conforme Paiva (2011), torna-se insuficiente explicitar apenas um conceito de luto infantil, tendo em vista que a compreensão deste conceito, dependerá de vários fatores, como da própria identidade e particularidade da criança, tal como do seu desenvolvimento cognitivo e também da sua faixa etária. Embora não haja um único conceito para o luto infantil, alguns autores empenham-se em significar este estudo;

Em função de sua maior dificuldade cognitiva e emocional para significar a perda, a elaboração do luto vivido pela criança é processada ao longo da estruturação psíquica, em distintos momentos de sua vida, à medida que ela vai podendo significar o que viveu. O luto pode ser reativado, também, ao longo da vida, ao encontrar ressonância com conflitos do futuro desenvolvimento. (FRANCO; MAZORRA, 2007, p.505)

Da mesma forma, outros autores refletem acerca do luto prolongado. Segundo eles, os responsáveis e educadores devem estar atentos a atitudes da criança enlutada relacionados à perda. Quando do luto prolongado, o pensamento excessivo em torno do falecido passa a dominar as atitudes da criança, de modo que ela não consiga realizar atividades habituais como as que outrora efetivavam sem dificuldades.

O luto patológico nas crianças pode conduzir ao isolamento, ao retrocesso do desenvolvimento e infantilização – manifestar comportamentos característicos de etapas de desenvolvimento anteriores, como por exemplo a enurese e o descontrolo esfinteriano – desinteresse por atividades, sintomas psicossomáticos como dores abdominais e cefaléias, insônias e pesadelos, perda de apetite ou medo do isolamento (angustia de separação) medo da morte, e crises de pânico e ansiedade. (PEDRO, CATARINO, VENTURA, FERREIRA e SALSINHA, 2010, p. 08)

Em uma breve, mas significativa conversa com a coordenadora da escola onde foi realizada a pesquisa, ela nos relatou um fato bastante pertinente, em que uma das crianças enlutadas estava na roda da conversa e neste dia o assunto recorria em torno do dia das mães. Todas as crianças da turma falaram algo sobre sua mãe e o que gostavam nela, exceto a criança enlutada, dando à professora a justificativa de não ter mãe. A professora a incentivou a falar algo sobre sua mãe, caso ela desejasse. Explicou também que seu pai havia morrido, mas que ela tinha pai, caso contrário não poderia estar ali, da mesma forma era ela, o fato da sua mãe não estar vivendo com ela, não significava dizer que ela não tivesse mãe.

Naquele instante, a criança respirou fundo, com um semblante mais aliviado e prosseguiu dizendo que gostava da sopinha que a mamãe fazia e que gostava também do seu cheiro. Em seguida, saiu da sala correndo, sem rumo, como se procurasse uma saída. Foi neste momento que a professora convocou a presença da coordenadora e relatou o ocorrido, lhe pedindo que fosse ao encontro da criança para auxiliá-la.

A coordenadora falou que foi até a criança, lhe abraçou, e disse o quanto que ela era amada por todos da escola, e que todos estavam ali para ajudá-la no que fosse preciso. A coordenadora nos revelou as dificuldades ao lidar com o luto infantil no contexto escolar, principalmente por também ser mãe e por se tratar de um assunto irreversível. “É um laço que foi rompido e a criança é um ser tão frágil para conceber tudo isso” argumentou ela. Em consonância com a experiência relatada pela coordenadora envolvendo o luto infantil, Louzette e Gatti (2007) também certificam:

A perda pra criança requer uma readaptação, para que lhe seja possível voltar a viver sem aquele que faleceu. Este processo influencia o desenvolvimento e estas podem revelar-se na capacidade de sociabilização, no auto-conceito, na forma de viver as

emoções e o afetos, no estabelecimento dos futuros vínculos. Pode ainda causar sentimento de inferioridade, fragilidade ou até mesmo incapacidade de lidar com assuntos delicados. (LOUZETTE; GATTI, 2007, p.78).

Paiva (2011), afirma que o processo de luto infantil tem uma duração subjetiva mais excessiva, visto que a noção de sequência temporal está em fase de elaboração. Jean Piaget (1970) em epistemologia genética apresenta as diferenças do desenvolvimento infantil através dos quatro estágios, pois o autor acredita que para o indivíduo avançar de um conhecimento simples para um mais complexo, irá depender tanto do conhecimento cognitivo, quanto da interação que o indivíduo possui com o meio.

Neste sentido, vale destacar o pensamento de Paiva (2011) sobre a adequação do conceito de morte pelas crianças, relacionado aos estágios do desenvolvimento estabelecidos por Piaget (1970): Período Sensório-motor: Corresponde às crianças desde o nascimento a dois anos de idade (fase da vida que vem antes da linguagem). Ainda não há consolidado um conceito de morte, a mesma é compreendida pela separação e distanciamento. O ato de dormir e acordar, tal como a percepção do estar e não estar é uma forma de representar a morte.

Período Pré-operacional: Corresponde às crianças dos três aos cinco anos de idade (a linguagem e pensamento ocorrem por meio de representação, imitação e símbolos). Não compreendem a morte como um acontecimento irreversível. Acreditam que a pessoa que faleceu ainda irá voltar. Nesta fase, as crianças não conseguem discernir o que são seres vivos e não vivos. São bastante egocêntricas e por acreditarem em um mundo de fantasias imaginam que nada é impossível.

Período das Operações Concretas: Corresponde às crianças dos seis aos nove anos (conseguem coordenar ações e pensamentos e modificá-los ao mesmo tempo). Neste período as crianças conseguem diferenciar os seres vivos e não vivos. Elas entendem o processo da morte como algo imutável e eterno. Há uma predominância dos pensamentos concretos. A morte é compreendida como fenômeno irreversível, pois o mundo das fantasias deixa de ser uma supremacia.

Período das Operações Formais: Corresponde às crianças dos dez anos até os doze anos de idade (o raciocínio lógico é uma característica desta fase da vida). Devido a este pensamento formal, elas já conseguem entender a morte como uma fatalidade ou algo irremediável. E já conseguem trazer explicações para morte, como fator intrinsecamente natural, que faz parte do processo de vida dos seres vivos e até mesmo fazem relação da pessoa que morreu a uma nova vida ao lado do que é divino.

Ao compreender o conceito de luto infantil segundo a visão de alguns autores supracitados, tal como a vivência do luto em cada estágio do desenvolvimento, concederá ao professor condições de compreender o contexto no qual as crianças que vivenciam o processo de luto se encontram. Paiva (2011) apresenta três etapas principais relacionada ao seguimento natural do luto infantil, identificados como;

- **Protesto:** fase da inconformidade, presença de conflitos. A criança deseja a qualquer custo trazer de volta a pessoa que morreu, se desespera, pranteia e lamenta profundamente.
- **Desespero e desorganização da personalidade:** mesmo não tendo esquecido a pessoa que morreu a criança passa a vivenciar a fase da aceitação. Ela desacredita que a pessoa morta irá voltar, embora deseje isso ainda. Torna-se abatida e introspectiva.
- **Esperança:** busca outras formas de sentir-se realizada, como outras amizades por exemplo. Encontra outro meio de satisfação sem a existência da pessoa que morreu.

Segundo Sotelo (2007) as fases do luto não são engessadas, elas podem ou não ocorrer nessa ordem, como também podem não acontecer. Neste sentido o professor assume um importante papel de ajudá-las a significar o que sentem, podem encontrar no lúdico, auxílio necessário para fazer com que as crianças verbalizem de forma compreensível o que estão sentindo. O silêncio ou inverdades não auxilia em nada na ultrapassagem do luto, de outro modo, só faz dificultar este processo. Em concordância com Sotelo há a afirmativa de quê;

É preciso sobreviver e a vida novamente impulsiona para homeostase. Mas para que isso aconteça é necessário que a pessoa se permita viver a dor e a tristeza da perda, a passagem pelo luto é necessária. Cada um processa essa experiência a sua maneira e é preciso que seja dada vazão aos sentimentos que sufocam, facilitando a superação do luto. (SOTELO, 2007, p.26)

Ao pontuarmos a relevância do professor permitir que a criança fale sobre a morte e expresse seu sentimento em sala de aula relacionado à pessoa que morreu, não significa dizer que necessariamente devam falar de morte o tempo inteiro, ou que exista uma receita pronta para falar sobre o fim da vida, mas é necessário reafirmar que o conceito de finitude deve ser encarado como algo natural a todos os seres vivos.

Com isso, não pretendemos ofuscar o compromisso da família na educação dos seus filhos. A relação entre família e escola é indissociável. Portanto, a escola precisa amparar a família em situações complexas, a ponte para essa construção se dá com auxílio do professor,

para que assim ambos contribuam para o bem estar e desenvolvimento da criança de forma salutar.

A escola é a instituição que está mais próxima da família. Para que possa existir uma real parceria entre escola e família na educação integral da criança, a escola deve abrir espaço para promover informações sobre temas existenciais, entre eles a morte, para poder orientar a família na condução dessas questões com as crianças. Além disso, deve oferecer programas de capacitação para seus educadores sobre essas temáticas. Deve assumir também a responsabilidade da educação sobre a morte. (PAIVA, 2011, p. 42)

Escola e família exercem um papel singular no processo de socialização das crianças, podendo impulsionar ou inibir nos aspectos intelectuais, emocionais, físicos, afetivos e sociais. Dessa forma, Kóvacs (1992) salienta que a educação é um ambiente de aprendizagem individual, assim, deve ofertar espaço para reflexão e conversa sobre o tema da morte desde a educação infantil até a formação profissional.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As práticas pedagógicas inevitavelmente perpassam o contexto existencial de cada educando, por este motivo educar não é uma tarefa fácil, haja vista que cada integrante da sala de aula possui necessidades e características distintas. Talvez, pela dificuldade de exercer a docência em sua plenitude, existam profissionais que executam suas ações de forma homogênea.

Neste estudo visamos compreender como ocorrem as práticas do pedagogo junto às crianças enlutadas. Se há ou não necessidade de preconizar novas metodologias de ensino, a fim de que essas crianças se desenvolvam de forma integral a partir do contexto no qual as mesmas estão inseridas.

Em uma perspectiva dialógica entre o estudo feito com base em teóricos e as professoras colaboradoras, vimos que o processo do luto infantil não é estático, e que cada criança vivencia essa experiência de forma diferente, dependendo intimamente da relação que a criança enlutada tinha com a pessoa que morreu. Dessa forma, o professor precisará conhecer seus alunos e suas especificidades.

Caso haja necessidade de refletir e acionar práticas diferenciadas, a escola, juntamente com o professor, profissionais especializados e a família, devem auxiliar esta criança para que o processo do luto não seja para ela uma experiência traumática, dando-lhe oportunidade de

verbalizar suas tristezas e angústias e sempre usar a verdade para falar acerca da morte, haja vista que a mesma faz parte do nosso ciclo vital.

Através dos estudos que foram realizados, com auxílio dos teóricos que se aperfeiçoaram para falar a respeito do luto infantil, vimos que não há uma fórmula pronta para abordar a temática morte com as crianças, isso se atribui ao fato de sermos seres heterogêneos. Cada pessoa desde muito cedo já estabelece um conceito de luto, de acordo com a sua cultura, suas crenças, e a sua forma de ver e pensar o mundo.

Uma das colaboradoras afirma que cede espaço em seu planejamento para a criança que vivencia o processo do luto externar suas inquietudes e possível sofrimento. Outra professora colaboradora por sua vez, diz utilizar o lúdico para mediar o ensino e aprendizagem. Alguns autores apontam ainda para o auxílio que os docentes podem encontrar em algumas literaturas infantis que tratam sobre o tema da morte, com intuito de facilitar o seu entendimento e instruir os educandos através de uma linguagem que é voltada para sua realidade.

Em suma, constatamos que as professoras colaboradoras contribuíram de forma significativa na realização desta pesquisa, reconhecemos a grande relevância das suas opiniões expostas através do questionário aberto sobre as práticas exercidas por elas e o fato de considerarem importante o estudo sobre o luto infantil, tendo em vista as possíveis chances de a morte fazer parte do ambiente infantil.

Tais considerações instigam que outras pesquisas acerca do luto na infância e no preparo docente para lidar com crianças que vivenciam o processo de morte possam ser desenvolvidas, com o intuito de colaborar para que o contexto acadêmico, escolar, social e familiar possam destinar o olhar necessário à referida temática de modo que essas instâncias acolham as crianças de forma humanizada, compreendendo suas fragilidades e investindo na superação de suas dores.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BERNZ, V. B. (2012). **Luto nas escolas uma questão a se trabalhar**. Biguaçu. Universidade do Vale do Itajaí Centro de Ciência e da Saúde. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Ver%C3%B4nica%20Barbara%20Bernz.pdf> acessado em 27/04/2018



BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional. Lei 9.394/96.** 10ª ed. Carlos Roberto Jamil Cury. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.214.

Conselho de Interação dos ex-Chefes de Governo (1997). Declaração Universal das Responsabilidades Humanas. Delors, J. (Org.) (1996). **Educação um Tesouro a Descobrir.** Porto: Asa

KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, M.J **Educação para morte: temas e reflexões.** São Paulo: Casa do Psicólogo: Fapesp, 2013.

LOUZETTE, F e GATTI, A. **Luto na infância e suas conseqüências no desenvolvimento psicológico.** Revista Eletrônica. Ago, ano I, 2007, n.1, p.77-79.

MELLO, A. R. e BASEGGIO, D. B.. **Infância e Morte. um Estudo Acerca da Percepção da Criança sobre o Fim da Vida.** Revista de psicologia da IMED, Jan-Jun, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/Jackson/Desktop/inf%C3%A2ncia%20e%20morte.pdf acessado em: 20/07/2018.

MINAYO, M. C. de S.. **O desafio do conhecimento.** 11 ed. São Paulo: Hucitec. 2008. disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=MINAYO%2C+Maria+Cecília+de+Souza.+O+desafio+do+conhecimento.+11+ed.+São+acessado+em:28/09/2018>

PAIVA, L. E.. **Arte de falar de morte para crianças:** a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

PEDRO, A.; CATARINO, A.; VENTURA, D.; FERREIRA, F.; SALSINHA, H.. **A vivência da morte na criança e o luto na infância.** 2010. Disponível em Psicologia.file:///C:/Users/Jackson/Desktop/a%20vivencia%20da%20morte%20na%20crian%C3%A7a%20e%20o%20luto%20na%20infancia.pdf

PIAGET, J.. 1970. **Epistemologia Genética;** Tradução Álvaro Cabral.-3ªed.-São Paulo: Martins Fontes, 2007.-(Psicologia e Pedagogia)

UNESCO, **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília, Corde, 1994.